

FERNANDO PICCOLI

**RISCOS REBELDES: NOTAS ETNOGRÁFICAS E CRIMINOLÓGICAS
SOBRE A PICHANÇA**

Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais (Mestrado e Doutorado) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Criminais.

Área de Concentração: Sistema Penal e Violência

Linha de Pesquisa: Violência, Crime e Segurança Pública

Orientador: Prof. Dr. Ney Fayet de Souza Júnior

PORTO ALEGRE

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P591r Piccoli, Fernando

Riscos rebeldes: notas etnográficas e criminológicas sobre a pichação. / Fernando Piccoli. – Porto Alegre, 2014.

100 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) – Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Orientação: Prof. Dr. Ney Fayet de Souza Júnior.

Área de Concentração: Sistema Penal e Violência.

Linha de Pesquisa: Violência, Crime e Segurança Pública.

1. Direito Penal. 2. Criminologia Cultural. 3. Criminologia Juvenil. 4. Crime e Cultura. 5. Graffiti. I. Souza Júnior, Ney Fayet de. II. Título.

CDD 341.59

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária:

Cíntia Borges Greff - CRB 10/1437

RESUMO

Este trabalho tem ênfase principal no fenômeno da pichação enquanto cultura juvenil marginalizada e desprezada pela sociedade de forma geral. O principal objetivo é o estudo deste fenômeno a partir dos próprios envolvidos, os pichadores, valendo-se do método etnográfico de pesquisa. A partir de uma análise que foca nas leituras criminológicas contemporâneas, na criminologia cultural e nos estudos sobre desvio e criminalização das práticas culturais e da vida cotidiana, o que esta pesquisa propõe é uma visão cada vez mais abrangente sobre as artes urbanas perseguidas e criminalizadas pelas agências de controle e pela mídia de massa. O estudo se desenvolve em quatro capítulos, partindo de uma análise mais geral a respeito do que se espera de uma criminologia nos dias de hoje, seguido por um segundo capítulo que aborda especificamente os protagonistas da história e o fenômeno do *graffiti* e da pichação. O terceiro capítulo vai refletir diretamente sobre a criminalização das artes de ruas e como as representações sociais acabaram por condenar a prática da pichação, tornando isso um crime e fazendo dos pichadores os vilões. Ao final, fruto da pesquisa etnográfica realizada no ano de 2013 em Porto Alegre, são trazidas as próprias impressões dos pichadores sobre seus atos e relatos do convívio direto do autor com estes jovens.

Palavras-chave: Criminologia cultural; crimes de estilo; criminologia juvenil; arte urbana; graffiti; pichação.

ABSTRACT

This work has major emphasis on the phenomenon of pichação as marginalized youth culture and despised by society in general. The main objective is the study of this phenomenon from own involved, taggers, drawing on ethnographic research method. From an analysis that focuses on contemporary criminological readings in cultural studies in criminology and deviance and criminality of cultural practices and everyday life, what this research suggests is an increasingly comprehensive view of the urban arts persecuted and criminalized by control and the mass media agencies. The study unfolds in four chapters, starting from a more general analysis about what is expected of a Criminology today, followed by a second chapter that specifically addresses the protagonists of the story and the phenomenon of pichação and graffiti. The third chapter will reflect directly on the criminalization of street arts and how social representations eventually condemn the practice of pichação, making it a crime and making the villains of taggers. At the end, the result of ethnographic research conducted in 2013 in Porto Alegre, are brought own impressions of the taggers on their actions and reports of direct contact with these young.

Key words: Cultural criminology; crimes of style; youth criminology; street art; graffiti; pichação.

SUMÁRIO

<i>Mise-en-scène: introdução</i>	10
<i>Capítulo 1 - Ato 1: Apresentação: os muros das cidades têm muito a nos ensinar</i>	14
1.1 Contornos de uma criminologia extramuros, uma criminologia que vê e repara	14
1.2 A cidade como fonte inesgotável de experiência antropológica.....	23
1.3 Imagem e imaginário da violência e do desvio.....	27
<i>Capítulo 2 - Ato 2: Protagonistas: quem usa a tinta como forma de expressão</i>	34
2.1 Como e porque ainda falar em desvio.....	34
2.2 Pichação, grafitti e apropriação do espaço visual urbano	37
2.3 Jovens, contracultura e subculturas juvenis: da busca por identidade a adrenalina das práticas desviantes	44
<i>Capítulo 3 - Ato 3: Conflito: criminalização e representação social das práticas culturais: crimes de estilo</i>	53
3.1 A criminalização das artes que riscam e desenham nos muros da cidade	53
3.2 A representação social e estigmatização do pichador	59
<i>Capítulo 4 – Ato 4: Encerramento – Com a palavra, eles: por mais diálogos e menos monólogos</i>	66
4.1 O primeiro contato e as primeiras lições das madrugadas	66
4.2 A manutenção do contato: primeiros rolês, fotografia, noites de insônia.....	71
4.3 A consolidação como parte do grupo: lições e aprendizados das madrugadas de adrenalina e spray	80
<i>Epílogo: considerações finais</i>	87
Referências Bibliográficas.....	92
Anexo	97

Mise-en-scène: introdução

Este trabalho é, em grande parte, fruto de algumas madrugadas frias nas ruas de Porto Alegre. Como diz a música do grupo de *rap* carioca Quinto Andar: *Por isso que eu amo a madrugada / Por que quando o sol subiu tudo chega e a paz acaba.*

O tema da pichação foi uma escolha que veio da vontade de trabalhar com jovens, mas jovens que a sociedade quase não vê, mas fala muito sobre eles. A primeira ideia foi abordar o tema das gangues e bondes juvenis, descartada após algumas pesquisas e contatos, que indicavam ter quase entrado em extinção, já há alguns anos, na cidade de Porto Alegre. De forma oposta, a pichação cresce exponencialmente, ganha mais espaço no visual urbano, e, conseqüentemente, na mídia. Foi então que surgiu o encanto por esse mundo tão curioso e desconhecido daqueles que saem à noite sem serem visto e deixam suas marcas por todos os cantos, mudando constantemente a paisagem dos grandes centros urbanos.

O primeiro capítulo é o ato necessário. Ele apresenta as bases criminológicas, sociológicas e antropológicas que deram origem ao trabalho. Nele, eu apresento os principais autores que me inspiraram e construíram minhas referências teóricas. O trabalho é originário desse arcabouço teórico e de todas as leituras que fiz nos últimos anos. Primeiramente, apresento uma proposta de Criminologia aberta ao diálogo, com enfoque transdisciplinar, tendo como principais referências os autores da Criminologia pós-crítica, e a Criminologia Cultural. Logo em seguida, mesclam-se autores da antropologia, que serviram de suporte para a pesquisa etnográfica, e também leituras de teoria de imagem, e imaginário, que vão ser interligadas posteriormente com o ponto que versa sobre as representações sociais do crime e do desvio.

O segundo ato apresenta uma literatura específica sobre manifestações culturais juvenis, pichação e *graffiti*. É fato um apanhado histórico, e explicadas as principais características dessas manifestações culturais. Vai a partir deste capítulo que vão surgir as primeiras questões que levaram à pesquisa de campo: quem são os pichadores? De onde eles vêm? O que pensam sobre suas atividades? Esse capítulo ainda é primordialmente teórico e apresenta uma visão geral sobre o desvio, sobre a apropriação

de espaços urbanos, subculturas juvenis, entre outros temas relacionados dentro da sociologia e Criminologia.

Na terceira parte, ou terceiro ato, apresenta-se o conflito mais especificamente, e interessa aqui saber como as representações sociais acabaram por condenar a prática da pichação, tornando isso um crime e fazendo dos pichadores os vilões. A criminologia cultural crítica é a raiz mais forte deste capítulo, em cujo ponto o livro Crimes de Estilo, do sociólogo americano Jeff Ferrell, serviu como principal referência. Apresento, neste capítulo, referenciais obtidos direto de reportagens dos veículos de imprensa, e algo que apresente também a visão das agências de controle estatal em relação aos pichadores, que vai servir como pano de fundo e comparativo para o quarto ato, onde vou apresentar a autoimagem do grupo pesquisado.

No quarto ato, que encerra este estudo, trago a experiência das ruas. Por volta de 8 meses de convívio com jovens pichadores de Porto Alegre, ouvi relatos, fiz muitas fotos e troquei ideias que enriqueceram pessoalmente. É a parte mais importante do meu trabalho, sem a qual, pra mim, não faria sentido. Para falar sobre pichação era preciso ir as ruas e literalmente sujar as mãos de tinta. A maioria das pessoas nunca viu um pichador atuando, quanto mais teve uma conversa com um. Eu tive com vários, e sou eternamente grato a eles pela disposição e pela receptividade. Desde o início queria fugir da ideia de objeto de pesquisa. Os pichadores seriam meus amigos, ou nada feito. Não que eu tivesse que concordar e assinar embaixo de tudo que falavam ou faziam. Mas a ideia de distanciamento foi descartada logo no início da pesquisa.

O título do trabalho foi livremente inspirado na música Vício Rebelde, do MC Leonel. *Destruidores do visual, amante do rabisco, fazendo risco ao mesmo tempo correndo risco*. Mas, claro que pichação não é apenas mais um monte de riscos indecifráveis. Foi preciso partir dessa premissa para que se pudesse começar um trabalho sobre pichação. O esvaziamento de significado é apenas mais um ato violento, comum no discurso das agências de controle e nos veículos de imprensa. Era necessário ir além, sair do senso comum e pesquisar diretamente na fonte tudo que eu pudesse aprender sobre esta prática.

Antes de iniciar as pesquisas, uma coisa sempre me intrigou na pichação: a gente convive diariamente com ela no visual das cidades, entretanto dificilmente alguém consegue relatar como ela surgiu. Na maior parte das vezes, ninguém vê: a ação dos

pichadores é sorrateira como ratos (ou aranhas) que buscam exatamente o seu objetivo; e de repente somem. Era preciso vencer esse desafio, e encontrar essas pessoas, já que sofrem com um manto de invisibilidade no dia-a-dia, e procuram não ser vistas à noite.

A pichação tem seu código próprio de conduta, sua estética, caligrafia e vocabulários próprios. É preciso entender como se dá seu funcionamento, e quem está por detrás daquelas letras muitas vezes ininteligíveis. Dentro dela existe uma gama surpreendente de diversidade, de significados, de subjetividades, de histórias de vida, e principalmente, de seres humanos. Seu preto e branco é mais colorido que muitos *outdoors* de marca de refrigerante. Aliás, famosas marcas de refrigerante têm usado a grafia da pichação e do *graffiti* em suas peças publicitárias. Um sinal.

Desde o início deixo exposto o real motivo e objetivo desse trabalho: falar sobre pichação a partir de uma ótica invertida. Quem escreve é o estudante de mestrado, formado em Direito, dentro de um ambiente acadêmico, a partir de uma linguagem técnica, ligada a teorias e inspirações criminológicas. Quem fala, ao final, são os próprios pichadores, em relatos que tentam a maior verossimilhança possível, mesmo sabendo que muitas ideias e muitas falas desapareceram na neblina das madrugadas, ou vão ficar apenas na memória.

Decidi também fazê-lo em forma de cenas e atos em homenagem à minha formação em teatro e pela busca por uma mais interessante de exposição de uma dissertação de mestrado. Uma peça de teatro, um filme, um documentário, uma sessão de fotos, sempre me parecerão mais interessantes que um livro de capa em tom pastel com um título exaustivo. Enquanto isso não acontece, *versatilizamos* por aqui.

Por que não conversei com autoridades, moradores dos prédios pichados, lojistas que tiveram sua fachada pichada? Porque a opinião deles é majoritária, e Nelson Rodrigues já dizia que toda unanimidade é burra. É preciso ouvir aqueles que acabam com a unanimidade, se quisermos tentar entender alguma coisa sobre nossa sociedade. A opinião das pessoas que abominam a pichação pode ser vista diariamente nos jornais: *Os prédios tinham que passar um tipo de óleo para que esses inúteis resvassem e caíssem para a morte*, é apenas um dos muitos comentários de mesmo tom violento

feitos em uma reportagem sobre um pichador que foi flagrado 11 vezes pela polícia enquanto pichava prédios em Porto Alegre.¹

É possível relacionar as teorias acadêmicas com a realidade das ruas. Apesar de, desde o projeto de pesquisa, ter sido esse o objetivo deste trabalho, ao final me dei conta que não existe nada melhor que a abertura. Por isso decidi que nenhum referencial teórico entraria no quarto capítulo, apenas relatos das madrugadas de *rolê* e fotos (todas as imagens do trabalho foram feitas por mim, entre os anos de 2012 e 2014, algumas durante as madrugadas e os *rolês*, outras em viagens, para que servissem de comparativo). Os professores aqui são os pichadores, e a sala de aula é a rua.

¹ Fonte: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2011/12/pichador-flagrado-11-vezes-perde-o-equilibrio-e-cai-de-predio-na-capital-3605076.html>> Acesso em: 20 jan. 2014.

Epílogo: considerações finais

O que leva um menino de 22 anos, que já sofreu uma queda de quase 20 metros de altura, a continuar pichando?

Segundo o pichador paulista Djan CRIPTA, no documentário “Pixo”, dos diretores João Wainer e Roberto T. Oliveira, existem três coisas que motivam um pichador a pichar: reconhecimento social, busca de lazer e adrenalina, e protesto.

Durante o período que estive envolvido com a dissertação e com a pesquisa etnográfica, descobri que todas essas motivações andam juntas na cabeça do pichador. Mas existe algo que vai além. Existe um sentimento que só o pichador pode explicar, só quem está vendo a cidade lá de cima no meio da madrugada, ou quem está colocando seu nome em um muro correndo o paradoxal risco de ser visto.

“Eu picho quando estou feliz, quando estou triste, picho por amor, por ódio, para homenagear alguém e também para denunciar algo que está errado.” Disse Mael na entrevista para o jornal Zero Hora, em 2012.²

Talvez essa seja a melhor explicação: não existe um motivo para a pichação. Existe a pichação, assim como a música, a pintura, a escultura, a poesia, a literatura, o teatro, e todas outras formas de manifestações artístico-culturais do ser humano. A pichação não escolheu ser ilegal, escolheu ter como objeto palco/tela/papel/material a cidade, e por isso, se tornou ilegal. Para nós, a cidade não pode ser alterada sem autorização. Sem o aval daqueles que construíram, que pintaram, que investiram na estética tão (des)harmônica das nossas arquiteturas.

Os pichadores escolheram se apropriar do espaço que não têm. E não têm por diversos motivos: econômico, familiar, educacional, por uma questão de oportunidade. Ou seja porque não querem outro espaço que não aquele no alto de um prédio de 20 andares. O nome escrito ali para que toda cidade veja e se choque é o melhor espaço que estes jovens poderiam, naquele momento de suas vidas, conquistar. Se eles vão parar um dia, só o futuro dirá. Alguns têm vontade de parar, ou ao menos diminuir, porque

² Pichador detido em Porto Alegre havia prometido parar com vandalismo após cair de prédio em 2011. Jornal Zero Hora, 15/01/2013. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2013/01/>> Acesso em: 27 jan. 2013

parar já se tornou muito difícil: “*Eu nunca cheirei, só fumo maconha, mas sou dependente de adrenalina, de pichação*”, nas palavras de Kavera.

Vivemos em uma sociedade onde a expressão ultrapassou as barreiras do papel, das galerias de arte brancas e com iluminação gélida e tomou conta das nossas casas, só que pelo lado de fora. Em que momento essa sociedade vai enxergar esse fenômeno? Depois de alguns meses pesquisando sobre pichação, *graffiti* e arte urbana em geral, descobri o quanto nossa tendência a excluir e rejeitar aquilo que não nos agrada, seja pela questão estética, seja apenas por não entender o que ali quer ser dito, permanece ainda muito forte.

Talvez o traço mais marcante da pichação seja seu caráter impositivo. Mas tão impositivo quanto um *outdoor* de uma propaganda de refrigerantes, tão impositivo quanto um arranha-céus, quanto um monumento, uma “obra de arte” em um parque, um viaduto, uma igreja, tão impositivo quanto a ação humana no meio ambiente. A diferença reside justamente na compra e no direito de uso de determinado espaço (por mais que o resultado final não agrade a uma grande parcela da população).

A pichação não pergunta se ela pode estar ali, ela simplesmente está. Mas sua raiz é violenta, nasce da transgressão. Mas uma violência tão ínfima, que sua criminalização chega a ser chocante. Não sabemos dizer a quem mesmo a pichação causa danos, já que um viaduto pichado nunca prejudicou a ninguém. O prejuízo econômico decorre de uma imposição de outro senso de estética, de limpeza, da necessidade de uma padronização urbana quase estéril em tons pastéis e sem vida.

Não é necessário concluir que a pichação, enquanto crime, é apenas mais uma forma de exclusão, marginalização da juventude já estigmatizada. Chegar a esta conclusão não era o objetivo deste trabalho, mas sim uma das premissas que o pautou desde o início. O grande objetivo, esse sim atingido (não por completo, já que demandaria muito mais tempo do que alguns meses), era ouvir e dar voz a estes jovens estigmatizados que estão envolvidos nas práticas de pichação.

O crime só continuará existindo enquanto a sociedade criar a necessidade de crime e violência para manter-se. As respostas ao crime e a violência devem ser, no fundo, respostas às necessidades de crime e violência criadas pela própria sociedade. O crime só acontece porque tem um motivo pra acontecer, e esse motivo não está

embutido na condição humana e na essência humana, mas sim na necessidade gerada unicamente pela convivência social.

Entendo que a pichação acabou sendo criminalizada porque o principal problema da pichação é o pichador. E a criminalização não tenta acabar com o crime, mas com o criminoso. Como retratado no terceiro capítulo, as operações que buscam “limpar as cidades” da sujeira da pichação iniciam com mandados de busca e apreensão na casa de jovens “suspeitos”. A repressão policial toma proporções absurdas, a ponto de, como ocorreu na cidade de Santa Maria, apreender porta de armário da casa de um jovem porque estava pichada, e serviria como indício de que aquela pessoa que morava ali era um criminoso. Sempre foi e sempre será assim. Logo, se todos os pichadores forem punidos e receberem uma lição pelas atitudes erradas que cometeram, a pichação, vai terminar?

Daqui a alguns anos, saberemos quem venceu a batalha das tintas. Se o spray foi mais forte que os galões de bege palha ou cinza usados para cobrir as inscrições. Alguns dizem que essa cultura, existente há mais de décadas, nunca vai acabar. Eu duvido, profundamente, que jamais terá sucesso qualquer iniciativa para extirpar a pichação que parta da premissa de que o problema é apenas o pichador. Segundo muitos pichadores, quem criou eles foi a própria sociedade, e tentar exterminá-los sem olhar para o espelho é inócuo.

Às vezes me perguntam: mas tu achas bonito isso que eles fazem?

A minha resposta é: não é para ser bonito. É pra existir.

A arte não é democrática. Um filme ou uma peça de teatro nunca agrada a todos os seus espectadores. Mas, certamente provoca algum sentimento. De indiferença, de ódio, de alegria, de euforia, de tristeza. A arte tem o poder mágico de resgatar sentimentos muitas vezes reprimidos pela nossa vida cotidiana.

A pichação provoca raiva, provoca surpresa, indiferença, pode provocar empatia quando algo que está ali escrito nos identifica.

Enquanto fenômeno cultural, ela pode ser analisada a partir de várias óticas. Ao longo do trabalho fiz abordagens relacionadas basicamente à criminologia cultural, às teorias ecológicas, a sociologia do desvio, às subculturas juvenis, à criminalização da

juventude e do estilo. Todas essas aproximações são possíveis. O que mais interessa, no entanto, é que a pichação não é apreensível facilmente por qualquer teoria social, psicológica ou criminológica. A pichação é um fenômeno complexo, próprio do cotidiano das cidades contemporâneas, e jamais pode ser explicado ou caracterizado genericamente.

Por esse motivo, o grande objetivo do trabalho foi atingido: enquanto realização pessoal, e enquanto relacionamento, enquanto aproximação. Em nenhum momento me propus a explicar a pichação, entrar em questões causais-explicativas relacionadas a uma criminologia de raízes positivistas, descobrir suas causas e criar a partir daí propostas político-sociais ou até mesmo político-criminais com o “intuito de coibir ou reduzir a prática”. Desde o início, o que ficou bem claro era a real intenção de conhecer o desconhecido. Falar sobre alguém que existe na vida real, e não apenas em matérias reducionistas de jornal ou em programas de limpeza e higienização urbana.

Porque nenhuma teoria criminológica que associe o crime ou comportamento desviante à insegurança ontológica, privação relativa, convivência com zonas de alta taxa de “risco” ou reação a opressão do modelo capitalista de mercado consegue explicar por que um menino de 20 e poucos anos volta a pichar prédios com escalada depois de cair de uma altura de 20 andares, sofrer lesões sérias e perder a maior parte de seus dentes. Nenhuma teoria criminológica vai explicar também por que meninos deixam de usar drogas e passam a pichar, substituindo um vício pelo outro.

Porque a criminologia acabou distanciando-se demais do seu foco de pesquisa (se é que um dia o teve). Perdida na tentativa ambiciosa de explicar o crime, perdeu-se em conceitos, ousou dizer que pessoas eram pré-determinadas a prática de crime, passou a dizer que o meio influenciava a prática de crimes, juntou-se com o direito penal, criticou o sistema penal, virou ferramenta de política criminal, e esqueceu que tudo não passava de uma construção social que pode mudar de acordo com a vontade de uma sociedade. Esqueceu que tudo é humano, demasiado humano, e humano demais para ser explicado. *Sempre foi só nós dois: eu e minha circunstância / sempre só nós dois: eu e eu / não é ciência exata, não acontece em tempo real / é demais, humano demais,* escreveu Humberto Gessinger.

Prefiro, então, pensar que eles, os pichadores, sempre saberão mais sobre suas vidas, sua arte, seus estímulos, suas emoções, do que qualquer pretensão acadêmica que

passa 10, 20, 30 anos convivendo com eles. A menos que eu me torne um deles, jamais saberei descrever tudo que passa pelas suas cabeças.

Portanto, com sentimento de dever cumprido, concluo esse trabalho remetendo ao seu início, à epígrafe. Não desejo que a pichação acabe, porque ao longo desse tempo de pesquisa e convivência pude perceber que sofre de “vazio de sentido” a cabeça de alguém que prefere que o pichador caísse e morresse a ter a fachada de seu prédio pichada. Desejo, em verdade, que as vozes sejam ouvidas, as pichações sejam lidas, e que nossas cidades, repletas de tantos problemas muito mais graves, convivam em harmonia com o que as ruas têm a dizer.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY; Miriam, ANDRADE, Carla Coelho de; RUA, Maria das Graças; WASELFISZ, Julio Jacobo. *Gangues, Galeras, Chegados e Rappers: Juventude, Violência e Cidadania nas Cidades da Periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos*. Traduzido por Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ALVES, Marcelo Mayora. *Entre a Cultura do Controle e o Controle Cultural: Um Estudo sobre Práticas Tóxicas na Cidade de Porto Alegre*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

ATHAYDE, Celso; MV Bill; SOARES, Luiz Eduardo. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BANKSY. *Wall and piece*. London - UK: Century: 2006.

BAUDRILLARD, Jean. *El pacto de lucidez o la inteligencia del Mal*. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

_____. *O Crime Perfeito*. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Traduzido por Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Traduzido por Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BROTHERTON, David. In: GANGUES: da pré-história ao futuro. *Comunidade Segura*, 15 fev. 2008. Disponível em:
<<http://www.comunidadessegura.org/fr/node/38197>> Acesso em: 10 out. 2010.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Traduzido por Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARVALHO, Salo de. *Anti-manual de Criminologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

_____. Criminologia cultural, complexidade e as fronteiras de pesquisa nas ciências criminais. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, São Paulo, n. 81, p. 294-338, nov./dez. 2009.

_____; LINCK, José Antônio Gerzon; MAYORA, Marcelo; PINTO NETO, Moisés. *Criminologia Cultural e Rock*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. Você tem cultura? *Jornal da Embratel*, 1981. Disponível em: <<http://professor.ucg.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/14467/material/voce%20tem%20cultura.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2010.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE CASTRO, Lola Aniyar. *Criminologia da Libertação*. Rio de Janeiro: Revan – ICC, 2005.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

DIÓGENES, Glória. *Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO; Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, Cesar A. Barros. *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

FAYET JÚNIOR, Ney; FERREIRA, Martha da Costa. *O Fenômeno Marero na América Central*. Porto Alegre: Núria Fabris, 2012.

FENWICK; HAYWARD. *Youth Crime, Excitement and Consumer Culture: The Reconstruction of Aetiology in Contemporary Theoretical Criminology*. In: PICKFORD, J., (Ed.). *Youth Justice: Theory and Practice*. London - UK: Cavendish, 2000.

FERRELL, Jeff. Boredom, Crime and Criminology. *Journal of Theoretical Criminology*, vol. 8, n. 3, p. 287-302, ago. 2004.

_____. *Crimes of Style: Urban Graffiti and the Politics of Criminality*. Boston: Northeastern University Press, 1996.

_____. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. Traduzido por Salo de Carvalho. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, São Paulo, n. 82, p. 339-360, jan./fev. 2010.

_____; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. *Cultural Criminology: An Invitation*. London - UK: SAGE, 2008.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. *Revista FAMECOS – PUCRS*, Porto Alegre, n. 28, p. 18-29, dez. 2005.

GARLAND, David. *A Cultura do Controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

_____; VANDERBILT, Arthur T. Disciplining Criminology? *Revista Sistema Penal e Violência*, Porto Alegre – EDIPUCRS, v. 1, n. 1, p. 114-125, jul./dez. 2009.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GITAHY, Celso. *O que é Graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

HAYWARD, Keith. *Cultural Criminology in The Dictionary of Youth Justice* (2007, Edited by Barry Goldson). Disponível em <<http://blogs.kent.ac.uk/culturalcriminology/files/2011/03/youth-justice-dictionary.pdf>>. Acesso em 27/11/2012.

_____. *The vilification and pleasures of youthful transgression*. In: MUNCIE, J.; HUGHES, G.; MCLAUGHLIN, E.. *Youth Justice: Critical Readings*. London - UK: Sage, 2002.

_____; YOUNG, Jock. Cultural Criminology: Some Notes on the Script, *Journal of Theoretical Criminology*, vol. 8, n. 3, p. 259-285, ago. 2004. Disponível em: <blogs.kent.ac.uk/culturalcriminology> Acesso em: 27 jan. 2014.

JAGUARIBE, Beatriz. *O choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

KATZ, Jack. *Seductions of Crime: Moral and Sensual Attractions in Doing Evil*. USA: Basic Books, 1988.

LINCK, José Antônio Gerzson. *A Criminologia nos Entre-lugares: Diálogos entre Inclusão Violenta, Exclusão e Subversão Contemporânea*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*. Traduzido por: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Traduzido por Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *Tribalismo Pós-Moderno: Da Identidade às Identificações*. Traduzido por José Ivo Follmann. *Revista Ciências Sociais - Unisinos*, São Leopoldo, vol. 43, n. 001, p. 97-102, jan./abr. 2007.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MIOTTO, Tiago. *A Pixação e a Ordem das Aparências*. Revista Viés, 2012. Disponível em: <<http://www.revistaovies.com/reportagens/2012/07/a-pixacao-e-a-ordem-das-aparencias/>> Acesso em: 16 jan. 2014.

MOLINÉ, José Cid; PIJOAN, Elena Larrauri. *Teorías Criminológicas: explicación y prevención de la delincuencia*. Barcelona – Espanha: Editorial Bosch, 2001.

PANDOLFO, Alexandre Costi; PINTO NETO, Moysés da Fontoura. Criminologia e alteridade: fazendo ecoar a alteridade. *Revista Novatio Iuris* – ESADE, Porto Alegre, n. 3, ano II, jul. 2009, p. 102-118.

ROCHA, Álvaro Filipe Oxley da. Criminologia e Teoria Social: Sistema Penal e Mídia em luta por poder simbólico. In: GAUER, Ruth Maria Chittó (org.). *Criminologia e sistemas jurídico-penais contemporâneos II*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. Publicação eletrônica.

ROCHA, Eduardo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *O Caderno 2*. Alfragide – Portugal: Editorial Caminho, 2009.

SILVA, Hélio R. S. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SOUZA, David da Costa Aguiar de. Desvio e estetização da Violência: Uma abordagem sócio-antropológica acerca da atividade dos pichadores de muros no Rio de Janeiro. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 5, n. 2, p. 267-294, abr./jun. 2012.

SPINELLI, Luciano. Pichação e comunicação: um código sem regra. *Logos 26: comunicação e conflitos urbanos*, ano 14, 1º semestre 2007.

TIBURI, Marcia. Pensamento PiXação. *Revista Cult*, n. 135, mai. 2009. Disponível em: < <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/pensamento-pixacao/>> Acesso em: 16 jan. 2014.

VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WACLAWEK, Anna. *Street art et graffiti*. Paris – França: Thames & Hudson, 2012.

YOUNG, Jock. *A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: REVAN, 2002.

ZALUAR, Alba. Pesquisando no Perigo: Etnografias voluntárias e não acidentais. *Revista Mana: Rio de Janeiro - UFRJ*, n. 15, p. 557-584, 2009.

WACQUANT, Loïc. *Os Condenados da Cidade*. Traduzido por João Roberto Martins Filho. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2005

WAINER, João. Ganhar a senha. In: BOLETA (org.). *Ttsss... - A Grande Arte da Pichação em São Paulo/Brasil*. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.

_____. Pichação é arte. *Revista Superinteressante*, mai. 2005. Disponível em: < <http://super.abril.com.br/cultura/pichacao-arte-445685.shtml>> Acesso em: 30 jan. 2014

Referências musicais

Engenheiros do Hawaii – Humano Demais

Grilo 13 – Pixar é humano

MC Leonel – Vícios Rebeldes

Nocivo Shomon – Pixadores

Quinto Andar – Madruga

Shawlin – Ruas Vazias

Referências em vídeo

Pixo – Direção de João Wainer e Roberto T. Oliveira

Quem é Toniolo? – Direção de André Moraes – Produzido pela Faculdade de Comunicação Social – FAMECOS/PUCRS

Referências em meio eletrônico

“*Cartilha: como identificar um pichador?*” – Programa Picasso não Pichava – SSP Distrito Federal. Disponível em: <<http://www.ssp.df.gov.br/>> Acesso em: 28 jan. 2014.

Entrevista com Djan Ivson “Cripta” – Site Risk Underground – Disponível em: <<http://riskunderground.blogspot.com.br/2012/11/entrevista-cripta-djan.html>> Acesso em: 30 jan. 2014

Jornal Zero Hora. – Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/>> Acesso em: 30 jan. 2014

Portal A Crítica – Manaus – AM. Disponível em: <<http://acritica.uol.com.br/>> Acesso em: 30 jan. 2014.